
O PAPEL DA MULHER NAS FORÇAS ARMADAS

*Jurema Santos Rozsanyi Nunes,
Advogada da União, Consultora Jurídica Adjunta do Comando da Aeronáutica e
Membro Fundadora da ANAJUR – Associação Nacional dos Membros das Carreiras
da Advocacia-Geral da União.*

Mulher, mãe, esposa, filha, mulher militar da Força Aérea Brasileira, com muitas histórias para contar, com muito trabalho e dedicação, luta pelo Brasil. Com ousadia e profissionalismo, defende a nossa soberania junto aos homens da Força Aérea Brasileira.

RESUMO: O artigo apresenta o perfil da mulher nas Forças Armadas, com destaque para esse papel na Força Aérea Brasileira, onde a presença da mulher já se destaca há mais de vinte e cinco anos, aperfeiçoando-se a cada ano, trazendo um enorme retorno ao esforço dispendido com sua preparação e adestramento. Destacam-se as participações femininas em atividade diversas, tais como torneios de tiro, de futebol e de vôlei de praia, como piloto de aviação de patrulha ou paraquedista.

PALAVRAS-CHAVE: Força Aérea. Mulher. Papel. Militar. Quartel. Feminina. Aeronave.

No ano de 2007 foram comemorados os 25 anos da presença da MULHER na Força Aérea Brasileira.

Por meio da Exposição de Motivos nº 020/GM3, de 28 de abril de 1981, o então Ministro da Aeronáutica, DÉLIO JARDIM DE MATTOS, encaminhou ao Exmo. Sr. Presidente da República o anteprojeto de lei que criava o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica.

Estabelecia a mensagem:

Finalmente, o Grupo de Trabalho sobre Recursos Humanos, designado especialmente para apresentar soluções para a área, vislumbrou a possibilidade da solução do problema ser encontrada no exemplo da Marinha do Brasil, com a criação de um Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica. Esse Corpo seria composto de Oficiais e de Graduados recrutados, selecionados entre mulheres brasileiras de competência comprovada através de exames intelectuais, de aptidão física e de saúde e treinadas em Organizações militares especialmente designadas.

A criação do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica terá como finalidade atender às necessidades de pessoal para a execução das atividades técnicas e administrativas e voltadas, prioritariamente, para a área da saúde. No entanto, outras áreas poderão ser beneficiadas no futuro e à medida que a Força adquirir maior experiência no recrutamento de pessoal para o Corpo Feminino.

[...]

Cabe esclarecer a Vossa Excelência, que na elaboração deste anteprojeto de lei as integrantes do CFRA não foram consideradas como militares temporários e quando tiverem assegurada a permanência definitiva no Serviço Ativo serão computadas, para todos os efeitos, nos efetivos globais previstos na Lei que fixa o efetivo da FAB, em tempo de paz.

O Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica – CFRA foi então criado por meio da Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981, e teve como marco inicial o dia 1º de agosto de 1982, tem exercido o seu papel com desenvoltura e firmeza, com o objetivo de atingir as metas preconizadas.

Dispõe a Lei nº 6.924/81:

Art. 11 – As integrantes do CFRA, convocadas, em Serviço Ativo, são titulares de deveres, responsabilidades, direitos, honras, prerrogativas e remuneração previstos na legislação em vigor, respeitadas, no que couber, as disposições previstas, em leis e regulamentos, para os militares de carreira.

Art. 13 – Às militares do CFRA, após 8 (oito) anos de atividade, poderá ser assegurada a permanência definitiva no Serviço Ativo, de acordo com as necessidades da Aeronáutica, na forma prevista na regulamentação desta lei e demais regulamentos em vigor.

Inicialmente essas militares, Oficiais e Sargentos do Corpo Feminino exerciam atividades administrativas no âmbito da Força. Esse fato, contudo, demonstrou que a MULHER tem capacidade de exercer outras atividades mais específicas, sendo assim aberto o caminho para o ingresso da MULHER na Academia da Força Aérea.

Inicialmente a convocação para o CFRA contemplava as seguintes atividades: Analista de O&M, Analista de Sistemas, Arquiteta, Arquivologista, Bibliotecária, Enfermeira, Psicóloga e Comunicação Social.

Ocorre que essas atividades evoluíram e assim temos hoje mulheres atuando na Intendência, Medicina, Engenharia, Controle de Tráfego Aéreo, Eletrônica, Meteorologia e, finalmente como Pilotos da Força Aérea.

Essa conquista foi árdua pois, como todos sabemos, a MULHER sempre exerceu atividades secundárias no contexto profissional.

Seu principal papel foi sempre o de mãe de família e dona de casa. Quando muito, exercia a profissão de professora – uma faceta de mãe – educando e ensinando crianças.

Aos poucos, contudo, MULHER foi se firmando no mundo eminentemente masculino.

Sem deixar de lado a sua principal função, a doméstica, começou a ascender profissionalmente, exercendo atividades antes de competência exclusiva dos homens. Assim se iniciou a acirrada competição entre homens e MULHERES. Primeiramente nos vestibulares para medicina, engenharia, direito, relações internacionais, etc. A par disso, profissões de confeitiro, pedreiro, azulegista começaram a ser compartilhadas entre os dois sexos.

A MULHER sempre demonstrou mais esmero e atenção em seu trabalho. É uma característica que em nada desmerece o homem. Isso, claro, sem deixar de exercer suas outras funções, criando e educando os filhos, mantendo a casa em ordem, dando atenção ao marido e à família.

Não se trata de um super ser! Apenas foi reconhecida a capacidade de competir em igualdade de condições com seu par.

Hoje temos mulheres nos mais altos postos do poder, seja no Executivo, Legislativo ou Judiciário.

Mulheres como a Ministra Ellen Gracie, Eliana Calmom, Maria Elizabeth Rocha, Senadora (hoje Governadora do Maranhão) Roseana Sarney, Idely Salvatti, Deputada Vanessa Grazziotin, Luiza Erundina e tantas outras que encham de orgulho nossos corações.

E outras Mulheres que foram exemplos para todas nós: Ana Nery, Anésia Pinheiro Machado, Sarah Kubischek, Ruth Cardoso, ao tempo que ainda era difícil contornar o preconceito existente, mas que souberam se destacar, levando-se em consideração que, apenas em 1827, à MULHER foi permitido frequentar o curso primário e em 1934 adquirir o direito de votar.

Lembro-me de uma história que reforça a luta pela igualdade feminina:

Os legisladores não aceitavam que as mulheres tivessem a audácia de querer pertencer à Ordem dos Advogados. Marie Popelin, por volta de 1880, conseguiu, após grande luta, ingressar na Faculdade de Direito de Bruxelas. Em 1888, doutorou-se em Direito. O Tribunal de Recursos, em 12.12.1888, negou aceitar seu juramento, alegando que a própria natureza da mulher a torna inapta para as lutas e fadigas do fórum. Somente em 1912 foi que essa dinâmica batalhadora conseguiu permissão para jurar e exercer a profissão de advogada, ocorrendo que, por essa ocasião, ela já não mais vivia.

Essas “benesses” outorgadas à MULHER permitiram que ela alcançasse, hoje, o enorme papel que exerce em nossa sociedade, ombreando com homens guerreiros, em igualdade de condições. Destacando-se nas atividades antes inerentes somente ao sexo masculino.

A Força Aérea Brasileira é a mais jovem dentre as Forças Singulares, talvez por isso a convivência entre seus integrantes, nas Bases Aéreas, Comandos Regionais, Departamentos, etc. é de grande respeito e camaradagem e, a isso, somou-se a presença feminina, trazendo um certo charme aos quartéis, mantendo-se, contudo, a disciplina e hierarquia entre seu efetivo.

Na verdade, a Escola de Aviação Naval, criada em 23 de agosto de 1916 e a Escola de Aviação Militar, em 10 de julho de 1919, foram o berço de nossa aviação militar, posteriormente fundidas na Força Aérea Brasileira, com a criação do Ministério da Aeronáutica em 20

de janeiro de 1941 e que projetou o Brasil nos céus do mundo. Em todo esse período, a FAB sempre teve papel de destaque no cenário militar, exercendo forte atração nos jovens e atraindo-os para a caserna, o que acabou acontecendo, também, com as mulheres.

Há que se reconhecer, no entanto, que não foi na década de oitenta que a MULHER se iniciou na vida militar. Isso ocorreu, efetivamente, na década de quarenta, durante a Segunda Guerra Mundial, com a presença de nossas enfermeiras nos campos de batalha.

A respeito é válido transcrever artigo publicado no Correio Braziliense de 27 de agosto de 2008, em Arquivos de Guerra, sob o sub título *Tufão na Alma, Dores no Coração. Desvalorizadas, mas guerreiras:*

Elas ganhavam menos que suas colegas norte-americanas, com quem trabalhavam desempenhando as mesmas funções. Também não tinham patentes como as demais estrangeiras presentes na Segunda Guerra. As 73 enfermeiras que foram para a Itália junto com as tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), porém nada ficaram devendo às suas companheiras de profissão. Ao contrário, receberam elogios de seus superiores e dos médicos que atuavam nos hospitais que atendiam os feridos na batalha.

‘A nossa enfermeira iria desempenhar no teatro de operações a missão profissional e de representante das virtudes da mulher brasileira’, escreveu Mascarenhas de Moraes em seu relatório final sobre a guerra. Segundo o comandante da FEB, as profissionais tiveram que superar as adversidades. *‘Lutaram contra as condições hostis, sofrendo ainda no Brasil a maledicência impatriótica de alguns’,* afirmou o general. Das 73 enfermeiras que foram para a Europa, 63 pertenciam ao Exército e as demais à Aeronáutica.

Para tentar se igualar às colegas americanas, as enfermeiras brasileiras ganharam a patente de segundo tenente, mas com salários inferiores aos que ganhavam os homens neste mesmo posto. O recrutamento, segundo o relatório de Mascarenhas de Moraes, seria apenas de mulheres de elevado potencial cultural – os principais grupos seriam da Escola de Enfermagem Ana Nery, do Rio de Janeiro. (Edson Luiz)

Como se vê, a discriminação alcançava até as heroínas de guerra que recebiam salários inferiores aos dos homens de mesmo posto.

Pelo menos nas Forças Armadas essa diferença deixou de existir, recebendo as integrantes do Corpo Feminino os mesmos soldos de seus pares masculinos.

Note-se que só recentemente, por meio de uma Lei, o Presidente Barack Obama, dos Estados Unidos, determinou a igualdade de salários entre os homens e mulheres que exercessem a mesma atividade.

Quando da comemoração dos 25 anos da presença da MULHER na Força Aérea, em pronunciamento na Câmara dos Deputados, o representante do PPS-RO, Deputado MOREIRA MENDES assim se pronunciou:

[...] bravas, guerreiras, corajosas mulheres aqui presentes que representam o quadro feminino da Força Aérea Brasileira, quando de suas viagens ao exterior, D. Pedro II costumava deixar cartas que servissem de orientação aos negócios de Estado durante suas longas ausências.

Em um desses documentos – e cuidando de projeto de reforma eleitoral em tramitação no Parlamento –, o Imperador lembra a necessidade de que fosse mantida a proibição do direito de voto às mulheres. E essa carta, vale observar, era dirigida exatamente a uma mulher: a Princesa Isabel, Regente do trono quando das ausências de Sua Majestade.

Passou o Império, chegou a República, e nem a República conseguiu vencer de pronto esse ridículo preconceito. Tanto que foram necessários 45 anos, desde a sua proclamação, para que, em 1934, esse direito fosse enfim conquistado pelo eleitorado feminino brasileiro.

Assim, esta sessão solene carrega, em si mesma, toda a simbologia de uma luta que a cidadania brasileira vem travando, ano após ano, para garantir que, assim como define nossa Constituição no inciso I de seu art. 5º, homens e mulheres sejam iguais em direitos e obrigações. E dentre essas obrigações – como negar? – está a defesa da nossa Pátria, a defesa do nosso povo.

Ainda na esteira das homenagens prestadas à MULHER, nesses 25 anos de atividades, destaco palavras do então Deputado CLODOVIL HERNANDES, do PTC-SP, hoje já falecido. Dizia ele, na ocasião, da Tribuna da Câmara:

A mulher é um ser que me encanta, e por quem tenho fascínio muito grande. Aprendi hoje uma grande lição com todas vocês. Desculpem-me a intimidade de chamá-las de vocês. Como faço moda e crio – no Brasil é uma profissão difícil porque as mulheres são exigentes, querem modelos exclusivos – prestei atenção e vi que vocês todas usam roupas iguais; alguns alamares, alguns adornos que caracterizam a hierarquia, mas o uniforme basicamente é igual.

Vi no rosto de vocês – por isso eu olhava muito para trás – almas lindas dentro dessa roupa. E cada roupa é diferente da outra. Por quê? Porque cada mulher é diferente da outra. Esta é a grande homenagem que vocês deveriam receber: saber que cada uma de vocês é um ser uno, uma filha de Deus. E é isso que vejo em cada brilho, em cada olhar, em cada atitude. Essa é a grande escola. As mulheres deveriam aprender com vocês que se uniformizar para a vida é muito mais importante do que pretender uma coisa que a pessoa não pode ter. Por isso temos mulheres mal vestidas, mal acabadas, mal produzidas, porque querem comprar a novidade, mas nem sempre fica bem para elas. Quem desenhou esse azul-marinho desenhou muito bem e fez direito. Todas vocês têm caras diferentes, almas lindas dadas pela atitude desse uniforme, porque o que está atrás dele é o que importa.

Um país que não é bélico precisa dessa beleza, dessa meiguice e dessa doçura de olhar que a mulher tem. Não tenham receio de ser minoria; o que interessa é ser a qualidade. A quantidade nunca foi nada. [...]

Hoje, aproveito este momento, aproveito esta comemoração mais do que justa do jubileu de prata do ingresso da mulher militar na Força Aérea Brasileira, para trazer minha reflexão sobre os avanços sociais no que diz respeito às questões de gênero na nossa sociedade, em especial à questão da mulher nas Forças Armadas.

Essa sessão solene possibilita-me, portanto, colocar em evidência a condição feminina na trajetória rumo às conquistas de igualdade em um território outrora privativo para homens, no qual a imposição sociocultural, durante longas décadas, estabeleceu a exclusão da mulher, em face de diferenças nem sempre efetivamente existentes e necessárias.

Não temo dizer que aqui abordamos um assunto que há muito me interessa; daí a minha disposição de sempre ter permanecido a serviço de valorização da mulher na sociedade brasileira, tradicionalmente machista e patriarcal. Tenho interesse e, ao mesmo tempo, prazer em acompanhar todas as conquistas femininas que visam à emancipação da mulher, ao seu direito ao trabalho e à sua profissionalização.

[...] Os tempos modernos buscam e exigem com firmeza a igualdade de direitos entre os gêneros masculino e feminino em face da multiplicidade de atribuições assumidas no meio social. E isso tudo porque, não obstante a nova era pela qual passamos – com a explosão da evolução tecnológica e científica – ainda nos deparamos com discriminações entre homens e mulheres, notadamente no âmbito laboral.

Diante de tantos desencontros, só restou às mulheres irem à luta! Irem à luta organizada por igualdade salarial e igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho, na ascensão e no aprimoramento profissional.

Um desses novos mercados passa, inevitavelmente, pela carreira militar, antes um território exclusivo dos homens. É importante que se diga que no Brasil as Forças Armadas têm desempenhado importante papel como instituições nacionais permanentes e regulares destinadas à garantia da inviolabilidade da soberania de nosso território e de nossos poderes constitucionais.

Não apenas exercem as Forças Armadas um importante papel, mas – diria também praticam ótimos exemplos. Um desses exemplos é o que vem sendo exercitados já há algum tempo: a aplicação do princípio da igualdade, signo fundamental da democracia. E isso foi visto quando, há 25 anos, a Aeronáutica, ao quebrar antigas amarras e tabus, passou a se adaptar aos costumes e comportamentos modernos, abrindo de vez as suas portas para a mulher ingressar na carreira militar. O que temos presenciado, graças a Deus, é o princípio da isonomia ser robustecido em solo pátrio!

Sei que esse caminho não foi fácil, mas foi dada a oportunidade de se retirar o véu do ceticismo presente no pensamento

de alguns e comprovar, na prática, a capacidade da mulher brasileira.

Com isso – e não só por isso – os mitos e as dúvidas vão gradualmente caindo frente ao bom desempenho que se afere dessas valorosas mulheres. A expectativa positiva, indubitavelmente, cada dia mais se comprova na prática por meios dos resultados por elas obtidos. Logo, é preciso comemorar com altivez a presença feminina nas Forças Armadas, independentemente de quadro, posto ou graduação atingidos. A mulher quer isso, senhoras convidadas: quer atingir o inusitado, quer alcançar o novo, quer a oportunidade para superar seus limites.

Portanto, finalizo minha homenagem parabenizando a Aeronáutica e as bravas militares brasileiras pelos feitos que nos encham de orgulho. A dedicação e disposição dessas mulheres de ingressar no universo até então predominantemente masculino deixará na história um exemplo a ser seguido.

Como se vê, as Forças Armadas receberam de braços abertos a MULHER. Gradativamente foram galgando postos na hierarquia militar, chefiando seções, assumindo cargo de assistentes de Comandantes, opinando e partilhando diuturnamente da vida na caserna, fazendo-se ouvir com competência, segurança e respeito. Sua presença no seio das Forças Armadas é irreversível.

Mas as Forças Singulares muito tem lucrado com a presença da MULHER. Além da delicadeza no trato das pessoas, sem perder a firmeza, a aura feminina envolve os quartéis com o som do salto alto no piso, o perfume no ar, o carinho e a palavra amiga para aqueles que dela necessitam, o bom humor, mesmo após vinte e quatro horas tirando serviço. Tudo isso beneficia o efetivo militar. E é apenas isso? Claro que não!

A MULHER colabora intensivamente para alcançar as metas determinadas pelo Alto Comando da Força, seguindo com competência e tenacidades as diretrizes militares para atingir a plenitude do fim almejado, seja na área educacional, administrativa ou operacional.

Recentemente, formaram-se, na Academia da Força Aérea, as primeiras mulheres aviadoras. Algumas especializando-se na aviação de caça, outras na de transporte e outras como pilotos de helicópteros.

É bem verdade que a carreira de piloto não é a preferida das mulheres. Há um número muito maior de cadetes intendententes do que

aviadoras. A Intendência foi liberada para as mulheres muitos anos antes da aviação, o que talvez explique a maior procura dessa atividade militar, em detrimento da aventura de voar.

Mesmo assim, pudemos presenciar, na comemoração do Dia da Aviação de Caça – 22 de abril – a presença da MULHER aviadora nas festividades, apresentando-se com o mesmo orgulho e galhardia junto aos demais caçadores do sexo masculino.

Destaque-se o dia 26 de março de 2004, marco histórico para a Força Aérea Brasileira e para a MULHER. Nessa data, realizaram voos solos dois integrantes do 2º Esquadrão do Corpo de Cadetes da Academia da Força Aérea (AFA) – Esquadrão THERION. O cadete Ydehara, primeiro colocado da turma e a cadete FERNANDA GÖRTZ a primeira mulher brasileira a voar sozinha na AFA em uma aeronave militar da FAB, o T-25 Universal.

No final do pouso a cadete recebeu dos controladores de voo, a seguinte mensagem: “Cadete FERNANDA GÖRTZ, Léo uno/dois – Em nome dos Controladores de Voo da Academia da Força Aérea, parabênizo a primeira Cadete a voar solo em aeronave militar de instrução desta Academia, fato histórico na Força Aérea Brasileira e marco destinado às páginas gloriosas de sua carreira.”

Após o pouso, a cadete foi recepcionada pelo então Comandante da Academia da Força Aérea e cumpriu o ritual inerente ao primeiro passo na carreira de piloto militar: *o banho comemorativo ao voo solo*.

Ainda em homenagem a esse grande feito, a cadete recebeu da Deputada Federal Jandira Feghali, então Presidente da Comissão Especial da Mulher da Câmara dos Deputados uma carta com os seguintes dizeres:

A luta das mulheres brasileiras pela igualdade vive mais um momento marcante. Sua dedicação e disposição em ingressar num universo, até então, predominantemente masculino deixará na história um exemplo a ser seguido. Espero que, mais do que simbólico, seu vôo solo inspire outras mulheres a perseguirem, com determinação, seus objetivos, mesmo que isso conduza ao difícil caminho de ultrapassar barreiras. Ser a primeira mulher brasileira a voar sozinha numa aeronave militar deve ser motivo de orgulho para você e sua família, motivo pelo qual manifesto, em nome da Comissão Especial da Mulher da Câmara dos Deputados, minha admiração e votos de uma carreira de muito sucesso.

Ainda fazendo referência a dados históricos, temos como primeira participante da equipe de salto livre da FAB – Falcões – a 3º Sargento

CÁSSIA BAHIANSE NEVES, da Base Aérea de Santa Cruz que, no período de 17 a 27 de novembro de 2008, participou de treinamento na modalidade de formação em queda livre e precisão.

Outra 3º Sargento também se superou na arte do paraquedismo, foi a Vanessa Felix que, recentemente, realizou seu primeiro salto com uma turma de 296 alunos do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, do Exército, no Rio de Janeiro. Segundo o Comandante do do Centro de Instrução *“As mulheres que entram para o curso são mais determinadas do que os homens. As cinco resistiram até o final”*.

Outra atividade que tem despertado o interesse da mulher militar é a de *load master*, responsável por saber se o volume de carga e peso estão adequados para manter a aeronave balanceada e o voo estável.

A parte teórica do Curso de Formação é ministrado no 1º/9º GAV, em Manaus. Após esse período, as alunas passam pelas oficinas de manutenção aprendendo sobre aviônica, equipamentos de voos, motores e sistemas hidráulicos. Terminada essa fase, elas passam a voar como alunas, em um período que varia de seis a nove meses, até serem capazes de atuar sem a presença do instrutor. Sua atuação está sendo de grande valia com a chegada dos C-105 Amazonas, aeronave que está substituindo o C-105 Buffalo e com o dobro de sua capacidade de carga.

Assim, as mulheres estão em combate lado a lado com os homens, prontas para a guerra, seja pilotando aviões, trabalhando em seus motores como mecânicas, saltando, praticando esportes, participando de operações conjuntas, como foi o caso da última CRUZEX (a de número IV), onde se destacaram as aviadoras Daniele Lins e Maria Eugênia Etcheverry, oriunda do Uruguay.

Das primeiras aviadoras hoje temos representantes na aviação de caça, na condução de aeronaves de asas rotativas, nas aviações de Patrulha, Transporte e Reconhecimento, voando em igualdade de condições com os pilotos militares do sexo masculino. Deles se diferenciam pelo uso de maquiagem, ainda que discreta, mesmo vestindo um macacão de voo.

Hoje temos mulheres com mais de 500 horas de voo, como acontece com a integrante do Esquadrão PELICANO de Busca e Salvamento, situado na Base Aérea de Campo Grande, a Tenente Márcia que, após instrução na aeronave Bandeirante, passou a voar o Helicóptero H-1H, o que traz muito orgulho não só para ela, como também para os integrantes do 2º/10 GAV (Grupo de Aviação), daquela Base.

Na Aviação de Patrulha também se destacam as mulheres, uma Tenente integrando o 1º/7º GAV – Esquadrão Orungan, em Salvador e outra o 3º/7º GAV – Esquadrão Netuno, em Belém. Ambas não exitam em afirmar que se identificaram com a Aviação de Patrulha em face das

missões a ela atribuídas, onde a tripulação precisa estar sempre atenta e envolvida com alguma atividade. Não há monotonia.

Mas a Força Aérea não é integrada apenas pelas guerreiras voadoras. Na área de Saúde tivemos as primeiras oficiais médicas a participar do Curso de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (CEEM), da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR).

Referido Curso capacita Oficiais Superiores dos Quadros da Aeronáutica para o exercício das funções de Estado-Maior e para o desempenho de cargos de Comando, Direção e Chefia, sendo um dos requisitos para a ascensão ao posto de Coronel da Força Aérea. Esse Curso proporciona a possibilidade de, no futuro, aquelas Majores que o frequentaram concorram à indicação para os cargos de Direção das diversas Organizações de Saúde da Aeronáutica.

Temos, ainda, o destaque das mulheres no esporte.

Seja em campeonatos de Tiro esportivo, atuando em diversas modalidades, como Pistola Standard, Pistola de Ar, Pistola Sport, Carabina e Carabina de Ar, seja no vôlei de praia, onde as equipes femininas da Aeronáutica se destacam para participar do torneio europeu a ser realizado na Alemanha e nos V Jogos Mundiais Militares, em 2011, na cidade do Rio de Janeiro.

Como somos “o País do futebol” as mulheres militares também se destacam nessa atividade esportiva. Em abril passado, a equipe da Aeronáutica de futebol feminino disputou seu primeiro torneio, tendo se sagrado vice-campeã do torneio.

Os jogos fazem parte da preparação para uma seletiva que estará sendo organizada pela Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB) para compor a equipe da Seleção Brasileira que disputará o Campeonato Mundial das Forças Armadas, de futebol feminino, nos Estados Unidos.

É com imenso orgulho que os brasileiros hoje assistem aos desfiles militares, onde a ainda tímida presença garbosa das MULHERES militares se destaca em meio ao grande universo de homens.

É assim no desfile de 7 de Setembro onde, há algum tempo, a MULHER tem marcado a sua presença, chamando a atenção de toda a Pátria brasileira para a possibilidade de estar disputando o mesmo espaço anteriormente ocupado apenas pelos homens.

Essa presença marcante, certamente, servirá de incentivo para que um número cada vez maior de Mulheres se aventure nas atividades antes reservadas ao sexo masculino.

Esperamos que, em um futuro bem próximo, a MULHER se destaque de forma marcante, não só nas Forças Armadas, mas em todos

os outros segmentos da atividade humana, ocupando o seu verdadeiro lugar no universo, até bem pouco tempo destinado apenas ao homem.

REFERÊNCIAS

LUIZ, Edson. Tufão na Alma, Dores no Corpo – Desvalorizadas, mas Guerreiras. *Correio Braziliense*, Brasília-DF. p. 10, 27 ago. 2008.

Anais da Câmara dos Deputados. Sessão Solene da Câmara dos Deputados. 14 ago. 2007.

Centro de Comunicação Social da Aeronáutica CECOMSAER notícias diversas. 2008/09.